

DE AMÓS A JESUS DE NAZARÉ:

O profetismo em Israel e suas implicações para hoje

FROM AMOS TO JESUS OF NAZARETH:

The Prophetism in Israel and its implications for today

Jansen Racco Botelho de Melo*

Antonio Lucio Avellar Santos**

RESUMO

O movimento profético em Israel, quando da parte dos verdadeiros profetas de Iahweh-Javé, sempre esteve ao lado da justiça conforme os desígnios deste Deus dos judeus. Portanto, movimento direcionado muito mais aos (as) sofridos (as) de Israel, o que na Teologia Bíblica do Antigo ou Primeiro Testamento, convencionou-se a ser compreendido como o povo da terra ou campesinato, gente que com o passar da linha histórica passou do regime seminômade para o sedentarismo ao chegar às montanhas da Palestina ou Terra de Israel. Veremos que o profetismo está bem mais próximo dos pobres, Deus condenando os poderosos, as autoridades, em benefício do campesinato, mas em outras tantas situações também profecia da desgraça para o povo e a monarquia em determinados momentos da História de Israel. É para os poderosos, os abastados de Israel que o movimento profético se torna mais duro e constante através dos tempos, pois são eles que deveriam exercer a prática da justiça para todo o povo, devido às suas posições (*status*), dentro da sociedade, como, por exemplo, o movimento monárquico iniciado pelo rei Saul. Também aqui estão outras famílias abastadas e influentes em meio ao povo na tomada de muitas decisões que afetariam a maioria, ou seja, o homem do campo e sua família em Israel. Em meio a algumas possibilidades entre homens e mulheres que em Israel se fizeram instrumento, boca do próprio Iahweh no movimento profético, escolhemos o profeta Amós como um dos grandes exemplos do profetismo em Israel do seu tempo, ou seja, o 8º século a. C.

PALAVRAS-CHAVES

Profetismo, Israel, Amós, Jesus de Nazaré, Justiça, Reino de Deus.

* Doutor e Mestre pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro na área de Teologia Sistemático-Pastoral. Especialista em Ciência Política pela Unyleya. Bacharel em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo. Licenciado em História pela Universidade Católica de Petrópolis-RJ. Idealizador do projeto que mantém um canal no YouTube, o Café com Teologia. E-mail: jansenracco@hotmail.com

** Mestrando pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro na área de Teologia Sistemático-Pastoral. Pesquisa suicídio na Ditadura Militar no Brasil (1984-1985) com ênfase em Frei Tito de Alencar Lima. Possui Pós-Graduação em Política Social pela UNIGRANRIO, Pós-Graduação em Ciências da Religião pela FATERJ (Faculdade de Teologia do Estado do Rio de Janeiro), Bacharel em Teologia pela UMESP (Universidade Metodista de São Paulo), Bacharel em Teologia pelo STBSB (Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil). É professor do IET (Instituto de Educação Teológica), e professor do Curso de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UNIGRANRIO. É professor de cursos online do Café com Teologia. E-mail: lucioavellar@gmail.com

ABSTRACT

The prophetic movement in Israel, when on the part of the true prophets of Yahweh-Yahweh, has always been on the side of justice in accordance with the designs of this God of the Jews. Therefore, a movement aimed much more at the suffering people of Israel, which in the Biblical Theology of the Old or First Testament, was conventionally understood as the people of the land or peasantry, people who, over the historical line, he went from a semi-nomadic regime to a sedentary lifestyle when he arrived in the mountains of Palestine or the Land of Israel. We will see that prophecy is much closer to the poor, God condemning the powerful, the authorities, for the benefit of the peasantry, but in many other situations also prophecy of misfortune for the people and the monarchy at certain moments in the History of Israel. It is for the powerful, the wealthy of Israel that the prophetic movement becomes tougher and more constant over time, as they are the ones who should exercise justice for all the people, due to their positions (status) within society, such as, for example, the monarchical movement started by King Saul. Also here are other wealthy and influential families among the people in making many decisions that would affect the majority, that is, the man in the field and his family in Israel. Among some possibilities between men and women who in Israel became instruments, mouths of Yahweh himself in the prophetic movement, we chose the prophet Amos as one of the great examples of prophetism in Israel of his time, that is, the 8th century BC.

KEYWORDS

Prophetism, Israel, Amos, Jesus of Nazareth, Justice, Kingdom of God

INTRODUÇÃO

O intuito desse breve artigo aula, se é que assim poderemos rotulá-lo, é trazer à tona, em sua primeira parte, a importância do tema do profetismo dentro do contexto histórico do seu surgimento no mundo antigo ou, melhor, no Antigo oriente Próximo.

Afinal, o movimento profético da grandeza Israel está intrinsecamente ligado às experiências do povo com o seu Sagrado, Iahweh-Javé, o Senhor do povo de Israel. Essas experiências se concretizam, portanto, dentro da história daquela gente, revelando que o profetismo em Israel não foi um movimento descolado das coisas da vida, das crises existenciais do povo, antes procurou conectá-los a algo bem maior.

Nesse aspecto, o fundamento de todo o movimento profético em Israel surge tão somente para estar ao lado do povo sofrido. O germe do movimento é o interesse de Iahweh-Javé pelo bem-estar de sua herança, pela dignidade de vida daquele campesinato.

Os profetas e profetisas de Iahweh-Javé são instrumentos humanos fiéis ao seu Senhor nos seus gestos e palavras. Caso o seu Senhor Iahweh-Javé tenha algo a comunicar estarão eles prontamente a agir, caso o seu Senhor silencie, nada terão a dizer.

Dentro de tão grande movimento histórico escolhemos as ácidas e, portanto, duras palavras do profeta Amós para trazermos à baila alguns pequenos traços desse movimento e suas características a partir desse grande profeta em Israel,

embora o seu livro tenha em nosso cânon sagrado cristão poucos capítulos, o que confirma seu conteúdo também entre os *nebiim* da TaNaK.

Muitos traços da exegese-hermenêutica de Amós poderiam ser tratados nesse pequeno espaço, contudo jamais de maneira exaustiva, até mesmo porque a exegese veterotestamentária, dentro dos profetas (*nebiim*) em Israel, se modifica constantemente em meio aos avanços atuais dos estudos da Teologia Bíblia do Primeiro Testamento. A bibliografia ao final do artigo revela tal perspectiva.

Portanto, a análise do livro profético de Amós estará mais centrada em suas especificidades dentro de suas denúncias sociais, num momento histórico de crise profunda em Israel. Monarquia e, a parte do campesinato mais abastada, os grupos sociais de poder no tempo de Amós, foram os responsáveis por oprimir a herança de Iahweh-Javé.

Por fim, não poderíamos, como gente do caminho, que protesta contra os poderosos de nosso tempo e anuncia veementemente o direito à dignidade de vida aos mais sofridos, como gente de Jesus de Nazaré da Galileia, encerrar esse artigo sem fazermos alguns paralelos entre Amós, o leão de Iahweh-Javé que ruge acidamente contra os poderosos do seu tempo, e o real filho de Deus, nosso Senhor Jesus de Nazaré nascido na pobre Nazaré da Galileia, sob o domínio de uma religião e de um império romano (político), ambos exploradores da vida alheia, sendo que, no caso do Templo de Jerusalém a vergonha foi ainda maior, pois se tratava de irmão explorando e enganando seu próprio irmão dentro da mesma etnia, tal qual de forma semelhante acontece em não poucas igrejas contemporâneas, ditas seguidoras de Jesus de Nazaré em nosso país, lideranças abastadas, ricas, mas que em nada procedem como aquele que dizem ser o Senhor de suas vidas.

1 A DIVINHAÇÃO E PROFECIA NO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO

Quando aprofunda-se o tema dos movimentos de adivinhação e profecia, além das narrativas veterotestamentárias (Antigo ou Primeiro Testamento), isto é, utilizando fontes de registros extras bíblicos, observamos que tais movimentos eram comuns juntos aos vizinhos de Israel. Em meio a esses registros extra bíblicos podemos citar os profetas extáticos, que são aqueles que ao profetizar entram num estado de êxtase (transe) profético, que são possuídos por um poder sobrenatural e que a partir daí suas palavras já não são mais atribuídas a eles mesmos, mas como mensagem por parte de um sagrado e, que deve ser prontamente atendida pela parte direcionada, sob o risco de sérias consequências ao não se cumprir o que foi determinado pelo sagrado. Nesse aspecto, observemos o texto abaixo:

Oriundos da região siro-palestinense são três testemunhos. O mais antigo (século XI a.C) é a Crônica de viagem do egípcio Wen-Amon. Indo a Biblos em busca de madeira para construir o barco cerimonial do deus Amon, este oficial do templo de Amon em Karnak depara-se com o não acolhimento por parte do príncipe da cidade. Neste contexto surge a figura de um jovem que entra em êxtase e comunica uma mensagem: E o (príncipe) de Biblos enviou-me [um mensageiro], dizendo: Para onde (eu iria)? (...) Se (tu tens um navio) para me levar, que me leve novamente para o Egito! Assim eu passei vinte e nove dias em seu (porto, enquanto) ele (passou) o tempo enviando-me todo dia [um mensageiro] para dizer: Sai (do) meu porto! Então, enquanto ele apresentava uma oferta aos seus deuses, o deus apoderou-se de um de seus jovens e o possuiu. E ele lhe disse: “Traz (o) deus! Faze vir o mensageiro

que o carrega! Amon foi quem o enviou! Ele foi quem o fez vir! E enquanto o (jovem) possesso estava tendo seu delírio nesta noite, eu tinha (já) encontrado um navio que ia para o Egito e tinha carregado nele tudo o que eu possuía. (...).¹

Como podemos perceber no fragmento acima, profetizar em estado de êxtase parecia ser uma prática comum nas formas culturais vizinhas de Israel no Antigo Oriente Próximo. Esses chamados extáticos também são encontrados nas narrativas bíblicas dos judeus, como atesta o Livro de Samuel, o último juiz, vidente e profeta em Israel (1Sm 10,5-6; 10,10-12).

Sabemos que as culturas em todos os períodos da história dos homens são construções humanas e, que nelas há um dinamismo, portanto elas sofrem alterações através dos tempos, que são revisitadas, reinventadas pelos homens quando há o que conhecemos por choque de culturas. Nesse sentido, tal encontro pode ser de duas vias, um choque literal entre as formas de comportamento distintas ou mais ameno, em que ambas as partes acabem por aprender uma com a outra.

Nesse sentido, a adivinhação e, a profecia no Antigo Oriente Próximo, podem ser compreendidos como movimentos culturais religiosos que romperam suas fronteiras culturais e penetraram em outras formas de vida social, podendo inclusive ter recebido nova roupagem pelas culturas que os adotaram, fato que é muito comum ainda nos dias atuais em nossa sociedade pós-industrial. Não está claro, portanto, uma evidência científica nos textos antigos bíblicos da TaNaK que a prática da adivinhação e da profecia tenha surgido e se desenvolvido exclusivamente em Israel.

O contrário pode ser verdadeiro, de que ao longo da História de Israel alguns movimentos de adivinhação e, mesmo de profecia dos seus vizinhos, assim com outras práticas, teriam influenciado na religião e na forma de vida em Israel ao longo de sua história. É claro que Israel também influenciou seus vizinhos de alguma forma. Cada cultura tem o poder de anular, absorver ou reinventar práticas, por isso, é quase certo que Israel deu uma nova moldura aos movimentos de adivinhação e profetismo dentro de sua História.

Quanto ao movimento profético dos extáticos nos textos de 1º Samuel no capítulo 10, temos um claro exemplo a respeito do êxtase religioso em Israel, do sagrado junto aos homens. Pela narrativa podemos observar que, os profetas extáticos (de algum santuário próximo), citados no texto de Samuel, estão dançando freneticamente ao som de alguns instrumentos, o que já nos aponta certamente para uma característica dos extáticos em Israel nos tempos de Samuel e, ao que nos parece, já uma prática profética antes da instituição da monarquia com a unção e apresentação de Saul como primeiro rei de Israel. Saul em meio ao grupo de profetas extáticos sofre uma transformação em seu ser ao estar repleto do sagrado em sua vida, o que lhe marcou, nesse sentido, profundamente ao longo de sua vida, ainda que o texto sagrado aponte bem mais para suas falhas e perda do trono para Davi.

Mesmo tendo vivido tal experiência extática, após ser ungido como primeiro rei de Israel, Saul não será considerado profeta, não acumulará a função de rei e profeta, embora tenha vivido aquela grande experiência que, podemos

¹ LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. **Mensageiros de Deus: profetas e profecias no Antigo Israel**. Rio de Janeiro – RJ: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Ed. Reflexão, 2012, pp. 34-35.

compreendê-la como uma aprovação do Deus de Israel, de sua vontade, para que Saul fosse o ungido Dele para liderar o seu povo, a sua herança.

Voltando à temática das adivinhações e do profetismo fora de Israel, melhor dizendo, dos vizinhos de Israel, compreende-se que

a profecia insere-se humanamente no âmbito do enigma do presente e da preocupação com o futuro, âmbito típico das práticas de adivinhação. O estudo das semelhanças e das diferenças ajuda a compreender a peculiaridade da profecia bíblica e a evolução que essa foi sofrendo.²

Em meio a tais práticas de adivinhação e sua relação direta com o futuro, temos o texto bíblico veterotestamentário de 1Sm 28, a emblemática consulta do rei Saul com a necromante, isto é, uma mulher que pratica necromancia (consulta os mortos), que certamente não pertencia ao povo de Israel, aliás, Saul havia desterrado, expulsado as necromantes e os adivinhos da terra de Israel, ficava clara a questão de que ouviriam somente a voz de Javé, através dos seus servos(as), futuramente os profetas e profetizas, a fim de compreenderem os planos históricos de Javé para o seu povo.

O texto se mostra revelador quanto às práticas comuns naquele momento histórico, dentro do contexto não só da terra de Israel, mas do Oriente Próximo Antigo, do Crescente Fértil como um todo. Dentro da desgraça na vida de Saul o texto não nos apresenta nenhuma novidade, tendo sido Samuel trazido dos mortos ou outro espírito qualquer, o texto apenas reforça, para o desespero de Saul, aquilo que Javé já havia decretado, o reinado lhe escapou das mãos por causa do problema com o rei Amalec, quando Javé decidiu se vingar desse rei e de todo o seu povo, homens, mulheres, crianças, idosos, animais, tesouros, tudo é posto no anátema de Javé por causa de uma rusga muito antiga, quando da travessia do povo pelo deserto após a libertação da terra da opressão³.

Ésquilo, poeta grego que viveu por volta do século V a.C escreveu a seguinte sentença em sua obra *Prometeu acorrentado*. Nessa sentença podemos observar uma enumeração de práticas de adivinhação comuns também na cultura da Grécia antiga.

Classifiquei as muitas formas de adivinhação e fui o primeiro a discernir a parte de cada sonho que há de ocorrer na realidade. Dei-lhes a conhecer os sons que encerram presságios de difícil interpretação e os prognósticos contidos nos encontros pelos caminhos. Defini com exatidão o vôo das aves vorazes; quais são favoráveis por natureza e quais sinistros; que classe de

² SICRE, José Luís. **Profetismo em Israel: o profeta: os profetas: a mensagem**. 2 ed. Petrópolis – RJ, Vozes, 2002, p. 25.

³ Não é a temática principal de nosso trabalho nesse momento, mas não podemos deixar de estranhar a decisão do lahweh dos judeus em eliminar todo um povo, um real etnocídio, por causa de uma pífia situação ocorrida no passado, a saber, que o povo de lahweh no deserto rumo à terra prometida, reduziria sua viagem pelo deserto inóspito ao passar pelo território dos amalecitas, o que lhes foi recusado. Bem mais adiante, nos Evangelhos, não é esse Deus, o Pai que nos apresenta Jesus de Nazaré. Portanto, trata-se de um texto em que faz jus a toda uma ideia de Deus construída pelos judeus, um lahweh em muitos casos impiedoso, em todas as situações em que o seu povo estiver sendo de alguma maneira prejudicado, nem que seja numa situação ridícula como a apresentada. Por deixar apenas o rei vivo e as cabeças de gado do povo Saul perde seu reinado. O primeiro rei de Israel desejava mesmo era enriquecer com os animais e os tesouros saqueados do povo amalecita, aliás, uma prática comum dos grupos humanos desse Antigo Oriente.

vida cada uma tem, quais são os seus ódios, seus amores e companhias, a claridade das suas entranhas e que cor deve ter a bÍlis para ser agradável aos deuses, e a variegada beleza do glóbulos hepático. Encaminhei os mortais para uma arte na qual é difícil formular presságios, quando coloquei ao fogo os membros cobertos de gordura e o grande lombo. Fiz com que vissem com clareza sinais que as chamas encerram, chamas essas que antes estavam sem luz para eles. Esta foi a minha obra.⁴

A fim de encerramos essa breve amostra da adivinhação e do profetismo em fontes externas a História de Israel, veremos num texto veterotestamentário, o relato em meio à história de José, o hebreu vendido por seus irmãos e, que por iniciativa do seu Deus foi colocado em destaque dentro de uma cultura estranha a dos hebreus, praticar provavelmente sua forma de adivinhação relativa à cultura em que vivia. Como sabemos José atingiu um alto posto no Egito, sendo um proficiente administrador, principalmente no período em que houve uma grande fome por todo o Egito. Assim diz a narrativa do Gênesis capítulo 44, 1-5.

José deu esta ordem ao mordomo: “Encha as sacas com toda a comida que estes homens puderem levar e ponha o dinheiro de cada um na boca das sacas. Na boca da saca do mais novo, junto com o dinheiro do seu cereal, coloque também a minha taça, a taça de prata.”. E o mordomo assim o fez. Ao amanhecer, esses homens se despediram e partiram com seus jumentos. Logo que saíram da cidade, ainda não estavam longe, disse José ao mordomo: “Persiga esses homens e, quando os alcançar, diga a eles: ‘Por que vocês pagaram o bem com o mal? Por que roubaram a taça de prata que meu senhor usa para beber e **fazer adivinhações?** (grifo nosso) Vocês se comportaram mal. (Gn 44, 1-5).⁵

As narrativas veterotestamentárias dentro do ciclo da História de José no Egito nos informam que o mesmo adquiriu fama e poder pela dádiva que o seu Deus lhe concedeu, isto é, sua capacidade de interpretar os sonhos de terceiros na terra do Egito. Algo que nem os magos e sábios que serviam ao faraó puderam realizar, mas somente José. Dentro da interpretação dos sonhos há esse aspecto da adivinhação profética de José, mas e as adivinhações ao utilizar sua taça de prata? Não nos parece uma dádiva de Javé a José, portanto o mais provável é que o mesmo tenha adquirido essa prática segundo o seu contato com a cultura egípcia, quem sabe junto aos magos e sábios daquele momento histórico dentro da corte do rei?

2 O LIVRO DO PROFETA AMÓS: AS QUESTÕES SOCIAIS DO SEU TEMPO

Há uma enorme complexidade ao debruçarmos sobre qualquer escrito antigo, seja um documento religioso como a Bíblia Judaica ou qualquer documento encontrado que data de séculos atrás. Portanto, o livro de Amós ou os escritos que formulam o seu livro canonizado por judeus e cristãos não seria diferente.

Neste sentido, assim como muitos outros livros da Bíblia Judaica, senão todos os livros canonizados, eles sofreram alterações ao longo da História de Israel, o que a teologia bíblica costuma tratar de acréscimos posteriores. Tais acréscimos são releituras necessárias a partir de um texto padrão, texto primeiro,

⁴ Ésquilo, *Prometeu acorrentado*, 484-500 (tradução de b. Perea Morales) apud José Luís Sicre, **Profetismo em Israel: o profeta: os profetas: a mensagem**. 2 ed. Petrópolis – RJ, Vozes, p. 28-29.

⁵ Cf. Gn 44, 1-5. Bíblia Pastoral. Editora Paulus, 2014.

de orientação para o povo num dado momento histórico, político, econômico e social, mas que obviamente com o passar do tempo acabou se tornando mais um texto clássico, se é que assim podemos classificá-los e que, portanto, não cobriam todas as necessidades históricas, da vida do povo de Israel com o passar do tempo.

Assim, as (re) interpretações, as (re) leituras fizeram parte de um exercício muito comum dentro de Israel. Os acréscimos posteriores são essas tais práticas a fim de que os textos sagrados dos judeus pudessem ter validade ao longo de sua história e não fossem apenas relatos de fé que serviram a um determinado momento histórico.

Segundo as análises teológicas na área de estudos dos textos bíblicos, portanto sagrados para judeus, cristãos e muçulmanos, o livro do profeta Amós está situado no século VII a.C.

Dentre as muitas análises no campo da ciência da teologia bíblica, escolhemos as perspectivas sobre o livro de Amós apresentadas por Erich Zenger (org.) em sua “Introdução ao Antigo Testamento”, Edições Loyola, 2003 e, José Luís Sicre, “Profetismo em Israel: o profeta: os profetas: a mensagem”, Editora Vozes, 2002. Lembrando que há uma vasta literatura disponível em português sobre o tema do profetismo em Israel e dos seus povos vizinhos relativos ao Antigo Oriente Próximo.

Com nossas fontes apresentadas, podemos então compreender que dificilmente há palavras totalmente ‘puras’ professadas pelo Amós histórico, o ‘profeta do juízo’ da localidade de Teqoa, que atuou por volta de 760 a.C no Reino do Norte na capital Samaria e também junto ao santuário de Bet-El, dentro do seu livro. Teqoa ficava a 17 km da cidade de Jerusalém. O mais provável é que um círculo de autores são os que foram os responsáveis pela construção final do projeto teológico que dá forma ao livro do profeta Amós. Diante disso, segundo a percepção de uma obra conjunta, podemos assinalar que,

[de] acordo com a opinião de muitos intérpretes de Amós, é mais provável que encontremos no ciclo das visões do profeta o *proprium* histórico e biográfico do profeta Amós. Ele teria documentado de certa maneira o resultado da vocação, por meio da qual foi dada a Amós a dolorosa certeza de que Javé, para salvar os pobres, determinou o fim do reino de Israel e que seria tarefa de Amós anunciar e justificar publicamente esse fim inexorável como ação de Deus.⁶

E continua Erich em relação ao surgimento do livro de Amós,

Ao contrário de posições mais antigas da pesquisa que eram da opinião de seria possível destacar no livro de Amós uma grande parcela de palavras autênticas do Amós histórico, constata-se hoje um nítido ceticismo. [...] depõe por si só a favor de um trabalho literário planejado, que sistematiza a atuação de Amós e a insere num programa teológico. Assim será praticamente impossível reconstruir detalhadamente palavras isoladas do profeta.⁷

As palavras acima de Erich Zenger e de seus colaboradores, em sua Introdução ao Antigo Testamento, apontam para uma nova maneira de interpretar exegeticamente alguns textos sagrados antigos, como é o caso do livro do profeta

⁶ ZENGER, Erich. **Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo.** São Paulo – SP. Edições Loyola, 2003, p. 487.

⁷ Ibid, p. 486.

Amós. Podemos até mesmo estender tal percepção para a totalidade dos escritos veterotestamentários, isto é, que dificilmente temos um único autor que produziu algum dos 39 livros dentro do cânon do Antigo Testamento, segundo a criação do cânon segundo a teologia da igreja cristã. Se Amós, que é um livro relativamente pequeno foi compilado por diversas mãos, o que diremos, pois, de outros livros bem maiores do que deste profeta.

Amós provavelmente possuía a profissão de vaqueiro e riscador de sicômoros, “os frutos ainda verdes da figueira-amoreira eram arranhados com um instrumento afiado, para que uma parte do líquido amargo se esvaísse e o suco que restava no fruto fosse metabolizado em açúcar. Assim o fruto se tornava doce.”⁸

As atividades de Amós nos revelam que o profeta possuía certa prosperidade. Não era filho de profeta e tão pouco pertencia a alguma comunidade deles. “[...] eu não sou profeta, nem discípulo de profeta. Eu sou criador de gado e cultivador de sicômoros. Foi Javé quem me tirou de trás do rebanho, e me ordenou: ‘Vá profetizar ao meu povo Israel’.” (Cf. Am 7,14-15).

Portanto, as palavras de Amós revelam o cuidado do próprio Javé em relação às condições de pobreza que pesavam sobre o povo, sua herança, nos tempos da atividade do profeta no VIII a.C. Temos diversos motivos sociais que foram os reais propulsores da atividade de Amós no seu tempo no Reino do Norte. Dentre as motivações para denúncia profética, temos o processo de urbanização que, como em toda monarquia requer aumento de impostos e recrutamento de mão-de-obra para efetivação de todo o processo de urbanização-modernização. Em Israel isso significou um abismo social, já que os impostos eram cobrados dos agricultores, eles mesmos que deveriam servir à monarquia com sua mão-de-obra, única acessível.

Em caso de, por exemplo, catástrofes naturais, como a seca, deixava o campesinato em total desespero, já que os impostos não deixavam de ser cobrados e sua mão-de-obra de serviços ao Estado não era remunerada, ou seja, uma exploração do Estado, a Monarquia, sobre a população mais pobre de Israel, irmãos explorando irmãos. Para piorar a situação foi muito comum nesse momento histórico a venda de terras para sobrevivência das famílias, em que, ao mesmo tempo, o antigo proprietário ou família à época teve que arrendar, alugar o espaço de terra que um dia foi seu.

Nesse sentido, o leão rugidor, Amós como boca de Javé, profetiza para que os poderosos se arrependam de suas práticas que pesam sobre o povo, caso isso não aconteça o juízo de Javé virá sobre eles.

“Prepara-te, Israel, para te encontrar com o teu Deus (4,12)”. É para esse encontro que o profetismo bíblico quer mover e capacitar. O profetismo do livro de Amós é, a partir dessa perspectiva, a mensagem do Deus vindouro, cujo propósito é salvar a sociedade “fundada” por ele – pelo arrependimento e pelo juízo!. [...] Javé não é neutro diante do mal na sociedade. Ele não tolera a maldade como um mal necessário por natureza, dado pela criação (mítico). Pelo contrário, combate-a como oposta a Deus e aos seres humanos, a fim de salvar seus “sonhos divinos” de uma sociedade em que ele próprio se “espelha” com sua bondade e fidelidade. [...] aquilo que está em jogo, definitivamente, na história de Israel para o Deus de Israel: que as pessoas

⁸ Ibid, p. 490.

possam usufruir em conjunto as dádivas da terra e o resultado de seu trabalho em paz messiânica.⁹

As palavras de Amós são compreendidas a partir de sua ácida crítica social e, não é o profeta que as elabora, mas sim o próprio Deus Javé, o “leão rugidor”. Suas palavras nos mostram que é o próprio Deus de Israel que toma como sua a causa dos pobres, contra o Estado, a sociedade e o culto.

Terminando esse subtema de nosso artigo, podemos apresentar uma estrutura do livro como projeto político-teológico que nos serve de inspiração, de exemplo para nossos dias, contra as injustiças cometidas contra os pobres no Brasil e no mundo, mas que grande parte da igreja cristã deixou de praticar, ao invés de denunciar fez sua preferência pela opressão aos mais desvalidos a fim de enriquecer com suas alianças espúrias de nosso tempo pós-industrial.

Assim elaborou Erich Zenger a estrutura político-teológica do livro de Amós que serve também aos nossos dias:

1 – A “verdade” do Deus bíblico decide-se na “verdade” do convívio social. Ou seja, é a prática da solidariedade social, especialmente em relação aos fracos, que perfaz a “evidência de revelação” bíblica de Deus por excelência.

2 – O livro de Amós preserva, tanto como crítico quanto como visionário, a utopia dos inícios de Israel conforme atestados na Bíblia: “O que produziste penosamente com tuas mãos, isso comerás” (Sl 128,2).

3 – A realização de direito e justiça, pela qual luta o livro de Amós, é a aliança com Deus vivenciada, como sublinha a assim chamada fórmula da aliança que conclui o livro de Amós (Am 9,14s: “Israel meu povo” – “Javé, teu Deus”).¹⁰

Após compreendermos um pouco mais sobre o livro de Amós, principalmente em suas críticas ácidas aos poderosos do Reino do Norte em Samaria, em que deixamos de lado as questões da formação do livro em seus aspectos estruturais, ou seja, não pensando nas diversas camadas literárias que o texto sofreu através dos tempos, mas sim em suas críticas diretas às condições sociais provocadas pelos poderosos, monarquia e a pequena parte do campesinato mais abastada que explorava seus próprios irmãos deixando-os na penúria.

3 JESUS DE NAZARÉ É O PROFETA POR EXCELÊNCIA EM SUA JUSTIÇA DO REINO DO SEU PAI: DA GALILEIA PARA O MUNDO.

Precisamos agora, portanto, fazer uma relação entre as críticas do profeta Amós, em seus aspectos de sua ácida denúncia aos poderosos do seu tempo em paralelo com os gestos, cenas e palavras de Jesus de Nazaré naquela Palestina do I século.

Ou seja, um salto no tempo de aproximadamente 08 séculos, do século VIII a.C das atividades do profeta Amós (760-730 a.C), ao século I d.C dentro da própria atividade de Jesus de Nazaré naquela Palestina, tão repleta de injustiças praticadas pelos fariseus e doutores da Lei do Templo de Jerusalém, mas também pelo Império Romano dentro de sua compreensão do que era a sua Pax Romana,

⁹ Ibid, p. 492.

¹⁰ Ibid, p. 492.

ou seja, o domínio, o controle sobre os povos, não somente dos judeus, pelo medo através da prática da violência extrema.

Por isso optamos por uma análise exegético-hermenêutica que possui e si alguns aspectos da semiótica, que é o estudo dos signos apresentados nas narrativas, sejam elas sagradas ou não. Podemos assim, assinalar nossa análise como semiodiscursiva a partir de um determinado texto ou perícopo (unidade literária com início, meio e fim).

Decidimos como texto em paralelo às práticas de Amós, mas também ações, gestos e palavras que foram além do profeta de Teqoa, o relato do Evangelho de Lucas 7,18-23 que por título, segundo a Bíblia Pastoral temos: A pergunta de João Batista.

Os discípulos de João o informaram de todos esses acontecimentos. Então João chamou dois dos seus discípulos e os enviou ao Senhor para perguntar: “És tu aquele que deve vir, ou devemos esperar outro?” Os homens chegaram a Jesus e lhe disseram: João Batista nos enviou para te perguntar: “És tu aquele que deve vir, ou devemos esperar outro?” Nessa hora, Jesus curou muitas pessoas de suas doenças, enfermidades e espíritos maus, e devolveu a vista a muitos cegos. Depois lhes respondeu: “Vão e contem a João as coisas que vocês viram e ouviram: cegos recuperam as vistas e coxos andam, leprosos são purificados e surdos ouvem, mortos são ressuscitados e pobres recebem a Boa Notícia. E feliz aquele que não se escandalizar por minha causa”. (Lc 7,18-23).

A pequena perícopo nos apresenta uma crise por parte de João Batista, justo ele que havia batizado o Senhor e mais, assim como inúmeras testemunhas naquele evento no Rio Jordão, ouviu uma voz que vinha do céu dizendo que Jesus de Nazaré da Galileia era o Filho de Deus tão amado por seu Pai, que tinha prazer Nele.

A análise semiodiscursiva possui alguns passos que devem ser seguidos a fim de que se alcance o resultado esperado, como qualquer análise científica, portanto, ela possui seu próprio método. Aqui não temos espaço suficiente para a execução de todas as fases, mas podemos assinalar algumas pistas.

A perícopo nos informa que João Batista não pode ir a um novo encontro com Jesus de Nazaré para fazer-lhe diretamente a pergunta crucial, isso porque de acordo com as narrativas anteriores ao capítulo 07 de Lucas, sabemos que o Batista está preso, mas podemos concluir que mesmo em tal situação, tolhido de sua liberdade, ainda pode receber visitas, no caso as de seus discípulos fiéis. Qual era o cerne da pregação do Batista, lembram? Sim, o arrependimento urgente dos pecados, tendo como confirmação, logo em seguida, o batismo. Isto é, o batismo de João no Rio Jordão era um símbolo que apontava para o arrependimento dos pecados praticados pelos batizados, logo aqueles estariam livres da condenação eterna. Uma condenação que João compreendia estar próxima com o reconhecimento do Messias na pessoa de Jesus de Nazaré.

Contudo, segundo o Manual de Dogmática Vol. I, Editora Vozes, na parte destinada aos títulos utilizados e não utilizados por Jesus de Nazaré, a fim de qualificar sua própria pessoa, afirma que não se encontra o título Messias na boca de Jesus de Nazaré. Tal informação é fundamental aos nossos interesses aqui apresentados, por que então Jesus de Nazaré jamais fez uso do título de Messias? Por que jamais se autodenominou como Messias do seu povo?

A resposta está em que tal título, muito comum na cultura veterotestamentária em meio aos judeus, está carregado de conotações políticas, de uma libertação que somente poderia vir pelas mãos de um general, de um Senhor da guerra, portanto libertação pela via da violência. Jesus jamais esteve conectado com tal percepção, pois sabia o que o título Messias representava em meio aos judeus, ou seja, uma conotação político-bélica.

João Batista era certamente um adepto de tal messianismo triunfalista, por isso, quando percebe que as coisas não estão saindo como ele sempre pregava no Rio Jordão se scandaliza. O que seus discípulos lhe informavam, era que Jesus de Nazaré estava realizando milagres, recuperando vidas, para que as mesmas pudessem retornar a viver com dignidade naquela Palestina do I século repleta de injustiças, por parte de um Templo de Jerusalém com uma administração corrupta e de um violentíssimo Império Romano.

Evidente que os gestos, ações e palavras de Jesus de Nazaré foram bem mais profundos do que as denúncias de Amós. Jesus não só denunciava profeticamente toda estrutura perversa dos fariseus do Templo de Jerusalém e do Império Romano, não se limitava somente a isso, mas também buscava ir de encontro aos mais pobres, os sofridos de Israel e de outros povos que viviam nas redondezas.

É fantástica a forma de Jesus de Nazaré responder a indagação dos discípulos de João Batista, em outras versões bíblicas, como a Bíblia de Jerusalém, o texto informa que *naquele mesmo instante* ele começou a fazer seus inúmeros milagres aos necessitados que jaziam na escuridão por falta de acolhimento de um Templo de Jerusalém corrupto, vendido aos interesses de status, de poder em meio à exploração dos mais pobres. Jesus de Nazaré não tem tempo a perder com diálogos, que nada iriam render para compreensão dos discípulos do Batista, era preciso fazer com que eles mesmos vissem o que estava ocorrendo e comunicassem tudo ao seu mestre.

É somente após fazer seus inúmeros milagres em meio aos pobres que Jesus dirige sua palavra aos discípulos de João, especificando o que deveriam levar ao conhecimento do Batista na prisão.

Jesus foi mestre em causar escândalos aos desavisados ou àqueles que estavam por demasiados estruturados em crenças vazias que não levariam à transformação de vidas em desespero, sem nenhuma esperança de um amanhã em que viveriam com dignidade. Jerome Murphy-O'Connor no seu *Jesus e Paulo: vidas paralelas*, no capítulo 05, página 78, esboça um interessante quadro dessas atividades de Jesus relacionadas ao profeta Isaías, livro que remete a vinda do Messias, entretanto o Messias nos moldes das interpretações dos judeus como assinaladas acima, um Messias guerreiro.

Murphy-O'Connor nos aponta que,

Os leprosos são referidos purificados

Um único leproso
(Mc 1, 40-45)
Dez leprosos
(Lc 17, 11-19)

Leprosos nunca são em Isaías.¹¹

¹¹ MURPHY-O'CONNOR, Jerome. *Jesus e Paulo: vidas paralelas*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 78.

Talvez, quem poderia cravar tal resposta com firmeza, mas esse poderia ter sido o ponto de maior impacto a ser revelado ao Batista, de que, além de só fazer o bem aos pobres, recuperando-os, libertando-os, curando-os de diversas enfermidades para dá-los uma vida digna, Jesus de Nazaré também cura, purifica os leprosos, portanto, fato jamais mencionado em Isaías. Será que para os judeus em sua percepção do Messias militar, esse não reuniria as condições de purificar, curar leprosos? Parece que sim.

Ao finalizar Jesus afirma que as Boas Novas ou Boas Notícias estão sendo anunciadas aos pobres, se eles fizerem, portanto, a sua opção de vida, de uma nova vida com Jesus de Nazaré, fazendo das escolhas de vida Dele as suas, a vida será bem mais segura, mesmo com todos os males que estamos sujeitos neste mundo.

Por fim, e também terminamos por aqui, suas últimas palavras são destinadas especificamente para João Batista, que não deve se escandalizar com todas as coisas que estão acontecendo, porque tais gestos, cenas e palavras de Jesus de Nazaré simbolizam a vontade do verdadeiro Deus, o Pai de Jesus, e seus planos para com os pobres em todo o mundo. Quem se afasta de tais concepções não podem ser considerado como filho (a) do Deus verdadeiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amós e Jesus de Nazaré possuem muitas semelhanças, que vão bem além da perspectiva mais aparente, de que ambos foram profetas no seu tempo. No entanto, Jesus de Nazaré carregava consigo a vontade do seu Pai em fazer bem a todos (as) necessitados (as) os pobres naquela Palestina do I século, curando-os, libertando-os, dando-lhes esperança de que a vida pode ser vivida com dignidade.

Em Amós há uma clara ameaça aos poderosos, caso eles não se arrependessem dos seus projetos de exploração aos mais pobres. Se isso ocorreu nos tempos do profeta, não sabemos ao certo, mas temos a clara informação de que ao longo da História de Israel, em relatos de outros profetas posteriores a Amós, que as práticas da injustiça prosperaram, aumentando de tempos em tempos o abismo social em Israel.

Não sem motivos, houve a necessidade de que o Filho de Deus, Jesus de Nazaré, nascido na pobre Galileia, viesse até o mundo, trazendo em seus gestos, cenas e palavras esperança para todos os pobres.

O cristianismo possui uma história de muitos altos e baixos, hoje no Brasil o cristianismo aparenta estar em plena decadência, pois fez as mesmas escolhas que a monarquia e o campesinato poderoso dos tempos de Amós, assim como também se fez corrupto, em busca de poder como os fariseus do Templo de Jerusalém nos tempos de Jesus, o que consiste num pecado gravíssimo, pois toda a criação, principalmente as vidas são de Jesus e Ele por elas nutre grande amor.

Caso as denominações cristãs no Brasil não se arrependam a tempo e comecem a transformar nossa realidade, trazendo a prática da justiça aos mais pobres, teremos sérias consequências, uma falência social, o que, aliás, já está acontecendo e todos (as), abastados e pobres sofrerão as consequências de uma grande convulsão social, porque a igreja simplesmente passou para o lado do diabo e seus anjos, abandonando as opções apresentadas pelo verdadeiro Filho de Deus, Jesus de Nazaré da Galileia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BÍBLIA PASTORAL. São Paulo: Ed. Paulus, 2014.

FINKELSTEIN, Israel. **O reino esquecido: arqueologia e história de Israel Norte.** São Paulo: Paulus, 2015.

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. **Mensageiros de Deus: profetas e profecias no Antigo Israel.** Rio de Janeiro – RJ: Ed. PUC-Rio: São Paulo: Ed. Reflexão, 2012.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome. **Jesus e Paulo: vidas paralelas.** São Paulo: Paulinas, 2008.

SCHWANTES, Milton. **História de Israel vol. 1: local e origens.** 4 ed. São Leopoldo: Oikos, 2008.

SICRE, José Luís. **Profetismo em Israel: o profeta: os profetas: a mensagem.** 2 ed. Petrópolis – RJ, Vozes, 2002.

_____. **Introdução ao Antigo Testamento.** Petrópolis – RJ: Vozes, 1995.

ZENGER, Erich. **Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo.** São Paulo – SP. Edições Loyola, 2003.

Site

<https://planetaenem.com/povos-da-antiguidade-no-orientemedio/>

Acessado em: 13 de ago 2021.